

A LEITURA DE ROMANCES PELA REALEZA: MENÇÕES A OBRAS FICCIONAIS NAS CARTAS E DIÁRIOS DE MEMBROS DAS FAMÍLIAS IMPERIAIS DO BRASIL E DA RÚSSIA

Resumo: Esse artigo tem por objetivo analisar as menções a leituras de romances presentes em cartas e diários de membros das Famílias Imperiais do Brasil e da Rússia, escritos entre os anos de 1850 e 1875, e que hoje fazem parte do Acervo do Museu Imperial de Petrópolis, no Rio de Janeiro, e do *Alexander Palace*, em São Petersburgo. A partir desses dados, pretende-se compreender qual era a visão que esses membros da nobreza tinham sobre as obras do gênero romanesco, como se dava a prática de leitura desses livros, e quais eram os elementos utilizados por eles para julgar um romance de forma positiva ou negativa. Por meio da análise de trechos desses documentos pessoais, mostrou-se que os membros da aristocracia do Brasil e da Rússia, apesar de pertencerem a países bastante diferentes, possuíam uma opinião semelhante sobre as obras ficcionais, e realizavam a sua leitura de forma parecida, além de utilizarem os mesmos elementos para criticar um romance positivamente ou negativamente.

Palavras-chave: Família Imperial. Rússia. Brasil. Cartas. Romance.

Abstract: The purpose of this article is to analyze the references about the reading of novels in letters and diaries that belonged to the members of the Imperial Families of Brazil and Russia. These documents were written between 1850 and 1875 and are part of the Collection of the Imperial Museum of Petrópolis, in Rio de Janeiro, and of the Alexander's Palace, in St. Petersburg. The aim of this work is to understand the opinion that members of the Brazilian and Russian aristocracy had over the novels, how they used to read the books of this genre, and also what were the elements used by them to judge a novel positively or negatively. Through the analysis of excerpts from these personal documents, it has been shown that the members of the aristocracy of Brazil and Russia, although belonging to different countries and cultures, had a similar view about fictional books and used to read the novels in a similar way, using the same elements to criticize a book positively or negatively.

Keywords: Imperial Family. Russia. Brazil. Letters. Novel.

O estudo de cartas e documentos pessoais de leitores do século XIX é uma importante fonte de informação sobre suas práticas de leitura, além de auxiliar na compreensão do contexto em que determinada obra circulou e das suas formas de recepção pelo público leitor de diferentes países. Em seu texto “Do livro à leitura”, Roger Chartier fala sobre a importância de se criar uma História do Ler, que dê à leitura “o estatuto de uma prática criadora”¹ e considere que os “atos da leitura que dão aos textos significações plurais e móveis situam-se no encontro de maneiras de ler, coletivas ou individuais, herdadas ou inovadoras, íntimas ou públicas e de protocolos de leitura depositados no objeto lido”².

Esses encontros de maneiras de ler, que são ora coletivas, ora individuais, e que são herdadas ou novas, podem ser percebidos nas cartas pessoais deixadas pelos membros das

¹ CHARTIER, Roger et al. *Práticas da Leitura*. 2. ed. São Paulo: Estação da Liberdade, 2001. p. 143-176, p. 78

² Idem, p. 79.

famílias do Imperador do Brasil, Dom Pedro II, e do Imperador da Rússia, Nicolau Romanov. Essas cartas, enviadas entre os anos de 1850 e 1917, fazem parte, hoje, do acervo do Museu Imperial de Petrópolis, que conserva alguns documentos pessoais da família do último imperador brasileiro, e do acervo online do *Alexander Palace*³, que contém, em seu website, alguns trechos de cartas enviadas pelo Imperador Nicolau II, seus filhos e sua esposa.

Apesar de pertencerem a países diferentes e distantes geograficamente, essas famílias compartilhavam semelhanças em sua maneira de ler e pensar sobre o romance, gênero de grande circulação, mas que normalmente é pouco associado à aristocracia pela historiografia. Entre os fatores que levaram à falta de associação entre aristocracia e leitura de obras de ficção estão provavelmente as críticas negativas que os livros desse gênero sofreram por parte dos críticos literários dos séculos XVIII e XIX. Esses homens de letras consideravam o romance como uma leitura sem finalidade, que estava em oposição aos textos das belas letras, que “tinham por objetivo formar um estilo e ampliar a erudição”⁴ e às leituras religiosas, que “visavam aprimorar o espírito e indicar o caminho da virtude e da salvação”⁵. Além disso, os romances eram associados à imoralidade, pois permitiam que os leitores entrassem em contato com ações condenáveis, não sendo recomendados aos mais jovens.

Com o advento do romance folhetim, em 1836⁶, a forma de criticar as obras ficcionais mudou, e os críticos passaram a valorizar outros elementos, como a originalidade da narrativa e o enredo. No entanto, os romances continuaram sendo pouco visados em estudos sobre as bibliotecas pertencentes à nobreza, provavelmente por sua associação com o público amplo e com momentos de ócio e lazer.

Com o objetivo de verificar alguns indícios sobre qual visão os próprios membros da elite tinham sobre as obras ficção, esse artigo buscará analisar as menções a leituras de romances presentes em cartas trocadas entre membros da aristocracia brasileira e russa, verificando três aspectos do seu conteúdo: as opiniões que determinados membros das Famílias Imperiais possuíam sobre a leitura de obras de prosa ficcional, seus hábitos e práticas de leitura e os critérios que eles utilizavam para descrever suas opiniões sobre romances específicos.

³ Todas as cartas da Família Imperial Russa utilizada nesse trabalho estão disponíveis em: <http://www.alexanderpalace.org/palace/>.

⁴ ABREU, Márcia; VASCONCELOS, Sandra; VILLALTA, Luiz Carlos; SCHAPOCHNIK, Nelson. *Caminhos do Romance no Brasil: séculos XVIII e XIX*. Disponível em: <<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/caminhos.pdf>>

⁵ Idem ibidem

⁶ Sobre o aparecimento do romance folhetim e as mudanças que esse causou na forma de se ler e criar narrativas ficcionais, ver: MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Opiniões das famílias imperiais sobre o gênero romanesco expressas em cartas

Um dos aspectos que é possível perceber por meio da leitura das cartas das Famílias Imperiais da Rússia e do Brasil é que eles associavam a leitura de romances a momentos de ócio e lazer, que eram opostos ao tempo dedicado ao estudo e às “leituras sérias”. Esse tipo de pensamento pode ser percebido nas cartas que a Princesa Isabel enviava quase diariamente ao seu pai, Dom Pedro II, no período entre 1864 e 1875, quando ela tinha entre 18 e 29 anos. Nesses documentos, ela normalmente contava ao pai sobre os acontecimentos do seu cotidiano, como as festas em que havia ido, as peças de teatro que assistiu, as pessoas que conheceu, e também discorria sobre suas leituras. Quando ela citava a leitura de um romance, é possível perceber que esta era sempre apresentada em oposição a momentos de estudo. Em uma carta enviada em 9 de novembro de 1864, por exemplo, a princesa afirmou que havia realizado a leitura de *Ivanhoé*, de Walter Scott, durante todo o dia, e depois escreveu: “(...) [mas] não creia que também não tem havido leituras sérias. Hontem lemos 16 ou 18 páginas de Couto e uma hora de Thiers⁷.”⁸ Nesse trecho, a princesa provavelmente faz menção a dois autores muito citados em suas cartas, e cuja leitura lhe foi indicada pelo próprio Imperador: Diogo de Couto, autor da obra de história *Da Ásia: dos feitos que os portugueses fizeram na conquista e descobrimento das terras e mares do oriente* (publicada pela primeira vez em 1614), e Adolphe Thiers, historiador e político francês do século XVII que publicou obras sobre a história da França. Em oposição a essas obras, é apresentada a leitura do romance de *Ivanhoé*, romance muito conhecido, de um autor muito bem visto pela crítica do período⁹.

Casos em que há essa oposição entre leitura de romances e leituras “sérias” se repetem nas cartas, estando presentes também em uma missiva enviada em maio de 1875, quando a princesa escreveu: “Minha culpa, minha culpa, minha máxima culpa: Bragelone tem-me tomado o tempo de Secchi”¹⁰. Nesse trecho, ela provavelmente faz menção a uma obra do romancista de grande sucesso popular Alexandre Dumas, intitulada *O Visconde de Bragelone*. O outro escritor mencionado provavelmente é Angelo Secchi, que escreveu o livro *L'unité des forces physiques: essai de philosophie naturelle*, publicado em 1869. É interessante notar, por

⁷ Em todas as cartas presentes nesse artigo, foram mantidas a ortografia e a pontuação utilizadas nos documentos originais.

⁸ Arquivo de cartas da Princesa Isabel, do acervo do Museu Imperial de Petrópolis – Arquivo Grão Pará.

⁹ Ver: VASCONCELOS, Sandra. *Cruzando o Atlântico: Notas sobre a circulação de Walter Scott*. In: *Trajetórias do Romance: Circulação, Leitura e Escritas nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

¹⁰ Arquivo de cartas da Princesa Isabel, do acervo do Museu Imperial de Petrópolis – Arquivo Grão Pará.

meio desse trecho, a culpa que a princesa afirma sentir em ter trocado o tempo que deveria ter sido dedicado ao estudo por uma leitura aparentemente associada a momentos de lazer. Essa associação parece ter relação direta com os pensamentos expressos por Dom Pedro II em suas cartas para a filha, que continham, muitas vezes, indicações dos livros que a princesa deveria ler e indicações sobre os momentos em que esses poderiam ser lidos. Em uma missiva em que o Imperador tratava de Walter Scott, por exemplo, ele escreveu que esse autor “era excelente leitura, mas para momentos de lazer”¹¹.

Ao analisar as cartas que ela a Princesa Isabel envia ao Imperador, é necessário levar em consideração que este era uma figura de autoridade para ela, e que fazia questão de ser uma figura constante na educação das filhas desde que elas eram pequenas¹². Somado a isso está o fato de a princesa saber que era uma figura pública e importante para o Brasil, e de provavelmente imaginar que suas cartas poderiam ser lidas, no futuro, por pessoas que não fossem o seu destinatário ou outras pessoas da família. Por esses motivos, é preciso ter em mente que as opiniões expressas nesses documentos sobre os livros e as leituras que faziam não possuíam necessariamente uma correspondência direta com seus reais pensamentos ou ações. Ainda assim, as cartas trazem importantes indícios sobre as atividades de leitura dessa nobreza, e sobre os elementos que eles utilizavam para julgar uma obra, ou para falar sobre suas práticas de leitura.

As relações entre leituras e lazer são mencionadas também nos documentos da Família Imperial Russa. No entanto, para essa família, parece que esse tipo de pensamento não se associa apenas aos romances, mas ao hábito de ler em geral. Nas cartas em que enviava à esposa, o Imperador Nicolau II relatava muitas de suas atividades cotidianas, como as viagens e os momentos de trabalho e, nesses documentos, é comum que ele reclame sobre a falta de tempo para ler por lazer. Em uma carta de março de 1900, por exemplo, ele afirmou: “Até agora eu não tive tempo de ler pelo meu próprio prazer, embora eu jogue dominó em algumas noites”¹³. Nota-se, a partir desse exemplo, que, para o Imperador, ler era uma atividade semelhante a jogar dominó, ou seja, algo relacionado aos momentos tranquilos e sem grandes compromissos. Em

¹¹ Cartas do Imperador Dom Pedro II à Princesa Isabel. Acervo do Museu Imperial de Petrópolis – Arquivo Grão Pará.

¹² Ver: AGUIAR, Jaqueline Vieira de. *Mulheres educadas para governar: o cotidiano das “lições” nas cartas das Princesas Isabel e Leopoldina*. 2012. 286 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós- Graduação em Educação, Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, 2012

¹³ Cartas de Nicolau II. Disponíveis em: <http://www.alexanderpalace.org/palace/>. No original: “So far I have no time to read for my own pleasure, although I play dominoes in the evening every other day.” Todas as cartas foram escritas originalmente em inglês, língua que o Imperador costumava utilizar para falar com a esposa, a Imperatriz Alexandra, que era alemã e havia recebido uma educação inglesa. Todas as traduções presentes nesse artigo foram realizadas por mim.

novembro de 1906 essa visão se repetiu, quando ele escreveu: “eu geralmente tenho muitos documentos para ler, mas às vezes eu tenho noites livres, quando tenho a oportunidade de ler por prazer”¹⁴. O mesmo acontece em uma carta de 1916 quando o Imperador escreveu que tinha muitas coisas para fazer, e que, por isso, “não tinha tempo nem para ler”¹⁵.

Ou seja, o hábito de ler, para esse Imperador, era algo relacionada diretamente com momentos em que não havia nenhuma outra atividade de grande importância para fazer, e era tido também como algo associado ao descanso e ao prazer. Apesar de normalmente associar qualquer tipo de leitura a esses momentos, há também casos de cartas que citavam a leitura de um romance em horários de ócio, como a do trecho a seguir, enviada em 1916: “quando estou livre do trabalho, eu gosto de ler o livro *The Room of Secrets*”. O livro citado é um romance do escritor inglês William le Queux, publicado pela primeira vez em 1913.

Por meio dos dados apresentados, é possível perceber que tanto a Família Imperial do Brasil quando a da Rússia associavam a leitura de romances a momentos de entretenimento e lazer, e pareciam não se dedicar a ela quando tinham de cumprir tarefas mais importantes, associadas ao trabalho ou estudo. Esse tipo de relação parece refletir algumas das opiniões dos críticos dos romances do início do final do século XVIII, que afirmavam que as obras de prosa ficcional não tinham uma finalidade clara, mostrando que esse tipo de pensamento, apesar de bastante modificado com a ascensão do romance e criação do folhetim, ainda permanecia no imaginário dos leitores nobres do século XIX.

Formas de realizar a leitura de romances nas famílias do Imperador Dom Pedro II e do Imperador Nicolau II

Por meio da leitura da documentação trocada entre os membros das famílias dos Imperadores Dom Pedro II e Nicolau II, é possível perceber muitas semelhanças nas formas pelas quais ambas realizavam a leitura de romances. Um hábito comum entre as duas famílias é, por exemplo, a leitura em voz alta, que parecia ter a função de servir como forma de entretenimento das reuniões familiares. Segundo Márcia Abreu, esse tipo de leitura, até o século XVIII, era “uma forma de sociabilidade comum. Lia-se em voz alta nos salões, nas sociedades literárias, em casa, nos serões, nos cafés. Esse tipo de leitura, além de permitir o contato com

¹⁴ Idem. No original: “I usually have many papers to read but sometimes I have free evenings when I have an opportunity to read for pleasure...”

¹⁵ Idem. No original: “Unfortunately I have not even time for reading!”.

ideias codificadas em um texto, era uma forma de entretenimento e encontro social.”¹⁶ Essa função da leitura, de servir como uma maneira de realizar o encontro social e de lazer, pode ser observada em diversos trechos de cartas das Família Imperial do Brasil e da Rússia enviadas entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX, o que mostra que esse hábito continuou sendo algo comum entre a aristocracia.

A semelhança entre a forma pela qual esses membros da nobreza realizavam a leitura de romances se deve, provavelmente, à educação parecida que eles receberam. Afinal, apesar de viverem em partes diferentes do mundo, os membros de ambas as famílias tiveram uma formação cultural semelhante, que envolveu, muitas vezes, a contratação de tutores europeus. A semelhança entre seus professores pode ter sido a causa dos hábitos parecidos de ler e, como veremos adiante, maneiras semelhantes de julgar um romance como sendo “bom” ou “ruim”. Um artigo de Mozart Monteiro, publicado na revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), cita, ao falar sobre a infância do Imperador Dom Pedro II, que desde criança ele aprendeu com Frei Pedro, um de seus tutores, a “ler em voz alta para adquirir o gosto pela boa leitura”¹⁷. Esse hábito se estendeu às suas filhas, as Princesas Leopoldina e Isabel, sendo que essa última dizia frequentemente em suas cartas escritas durante a infância que iria ler com o seu mestre. E, em um documento denominado “Atribuições da Aia”, que discorria sobre a forma como as princesas deveriam ser educadas, foi escrito que as elas deveriam ter um horário específico para realizar “leituras instrutivas (...) com a Aia”¹⁸.

Os hábitos de leitura em voz alta permaneceram sendo relatados nas cartas de membros adultos da aristocracia brasileira, quando os tutores foram substituídos por pessoas próximas da família e amigos. Em seu diário, a Imperatriz Teresa Cristina escreveu muitas vezes que o Imperador foi ler com ela durante os períodos da tarde e da noite que eles passavam juntos. A Princesa Isabel, nas cartas ao pai, também relatou diversas vezes que havia realizado leituras em voz alta com seu esposo, o Conde d’Eu. Esses momentos envolviam, na maioria das vezes, o contato com romances que, como já visto anteriormente, eram associados a momentos de lazer e entretenimento. Em 16 de julho de 1875, por exemplo, a princesa escreveu: “Com a Condessa temos lido *Au Jour le Jour*, por Frédéric Soulié e estamos lendo *l’Homme à L’Oreille Cassé* por Edmond About”. A Condessa mencionada aqui pode se tratar da Condessa d’Áquila, irmã de Dom Pedro II, da Condessa de Barral, antiga preceptora das princesas, ou ainda de

¹⁶ ABREU, Márcia. *Diferentes formas de ler*. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/>

¹⁷ MONTEIRO, Mozart. A infância do Imperador. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro; Imprensa Nacional, t. 98, v. 152, p. 32-44, 1927.

¹⁸ Documento Atribuições da aia [1857] POB- Maço 29, Doc. 1038. Museu Imperial/Ibram/MinC . Apud: AGUIAR, Jaqueline Vieira de. *Mulheres educadas para governar...* Op. cit.

outra amiga do casal. De qualquer maneira, a menção a essas leituras compartilhadas mostra como essa atividade se estendia a todo o círculo de pessoas próximas desses membros da Família Imperial. Além disso, as obras citadas pela Princesa trazem indícios de que não há uma relação clara entre a época em que uma obra foi originalmente publicada e o período em que era seria lida: a obra de Soulié foi lançada em 1844, enquanto a de About é de 1860, e ambas foram lidas apenas em 1875 por membros da elite brasileira.

Na Família Imperial Russa, também era comum que as crianças recebessem uma educação que envolvia a leitura em voz alta, fato que é sempre citado nas cartas das crianças nobres para o Imperador Nicolau II e a Imperatriz Alexandra. Em uma carta de outubro de 1914, enviada para seu pai, por exemplo, a Duquesa Anastácia afirmou: “Eu estou tendo aula de russo agora e Pyotr Alexeyevich está lendo *The Hunter’s Notes*, do Turguenev para nós (...)”¹⁹. E a Duquesa Maria escreveu, também ao Imperador, no mesmo ano: “Pyotr Vasilyevich (Petrov) está lendo Turguenev para mim e para Anastácia”²⁰ e, em setembro do ano seguinte: “Pyotr Vasilyevich (Petrov, um professor) está lendo *An Icy House* para mim e para Anastácia. É extremamente interessante.”²¹. Nota-se, assim, que as filhas do czar tinham o costume de compartilhar leituras com seus tutores, e que essas atividades incluíam frequentemente o contato com obras ficcionais.

O Imperador Nicolau II também fez menção, muitas vezes, em seus diários e cartas, sobre as leituras em voz alta que havia realizado ou pretendia realizar com a esposa e os filhos. Entre 13 de fevereiro e 15 de abril de 1898, por exemplo, ele escreveu em seu diário que estava realizando a leitura de *Guerra e Paz*, de Tolstói, com a esposa. A partir dessas anotações, também é possível perceber que o Nicolau II apreciou a leitura do livro, que já havia lido uma vez, pois ele mencionou que este era “muito interessante, embora eu o esteja lendo pela segunda vez”²². Outros trechos do diário em que o Imperador afirmou que estava lendo com a esposa foram escritos em janeiro de 1891, quando o casal estava lendo *Sea Stories*, do russo Stanyukovich’s; em 1908, quando eles realizam a leitura de pequenos contos de Leskov, e em abril de 1911, quando estavam lendo *Os Irmãos Karamazov*, de Dostoiévski.

¹⁹ Cartas da Duquesa Anastácia ao Imperador Nicolau II. Disponível em: <http://www.alexanderpalace.org/palace/>. No original: “I am having a Russian class now and Pyotr Alexeyevich is reading Turguenev's "The Hunter's Notes" to us...”.

²⁰ Cartas da Duquesa Maria ao Imperador Nicolau II. No original: “...Pyotr Vasilyevich (Petrov) is reading Turguenev to me and Anastasia...”.

²¹ Idem. Disponível em: <http://www.alexanderpalace.org/palace/>. No original: “Pyotr Vasilyevich (Petrov, a teacher) is reading "Na Icy House" to me and Anastasia. It's awfully interesting (...)”.

²² Diário de Nicolau II. No original: “...In the evening I read "War & Peace" aloud to Alix for a long time. Very interesting though I am reading it for the second time!”.

Esses dados, além de mostrarem como a leitura em voz alta era um hábito comum entre o casal imperial russo, também demonstram como o contato com romancistas de origem russa era frequente para esses membros da nobreza, bem como a leitura de livros escritos e publicados em um período muito anterior. *Guerra e Paz*, por exemplo, saiu pela primeira vez em 1869, e *Os Irmãos Karamazov* é de 1880. Isso demonstra não haver relação, na Rússia do século XIX, entre a nacionalidade de um escritor, a data de publicação de seu romance e o ano em que ele seria lido e apreciado pelo público leitor.

O Imperador Nicolau II, além de compartilhar a leitura de romances com a esposa, também mantinha o hábito de ler em conjunto com os filhos. Segundo Helen Rappaport, as noites de ceias em família incluíam momentos em que o Imperador lia em voz alta para todos²³ e, em seu diário, é comum que o *czar* mencione que leu com as crianças, como em março de 1917, quando relatou que, durante a noite, leu em voz alta para as crianças²⁴. Outros documentos, escritos pelas princesas, mostram que alguns momentos de leitura eram compartilhados não apenas com o pai, mas também com amigos próximos da família, em uma situação semelhante ao que acontecia com a aristocracia brasileira. Em 1914, por exemplo, a Duquesa Anastácia escreveu em uma carta enviada ao Imperador que Anya estava lendo para a Imperatriz. A pessoa mencionada aqui é Anna Alexandrovna Vyubova, uma nobre da corte russa que era muito amiga da família do Imperador Nicolau II²⁵.

Por meio dos dados mencionados, é possível perceber como a leitura em voz alta de obras ficcionais era frequente entre os membros da Família Imperial Brasileira e Russa, e que esse hábito provavelmente foi passado de geração em geração devido ao modelo de educação que os nobres do período recebiam. Além disso, era bastante comum, para esses membros da aristocracia de diferentes países, compartilhar esses momentos de lazer com pessoas próximas que poderiam, dessa maneira, formar um repertório de leitura em comum. Nota-se, ainda, que muitas das obras lidas por esses nobres obtiveram bastante sucesso de público durante o século XIX, como é o caso de *Voyná i mir* [Guerra e Paz], *Brat'ya Karamazovy* [Os Irmãos Karamazov] e *Au Jour le Jour*, de Soulié, o que sugere que, como afirma Chartier, “a circulação dos mesmos objetos impressos de um grupo social a outro é, sem dúvida, mais fluida do que sugeria uma divisão sociocultural muito rígida”²⁶, mostrando que os membros da elite também

²³ RAPPAPORT, Helen. *As Irmãs Romanov: a vida das filhas do último tsar*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2014.

²⁴ Diário de Nicolau II. No original: “In the evening I began to read aloud to the children.”

²⁵ Informações sobre Anna Alexandrovna Vyubova podem ser encontradas no site oficial do Alexander Palace. Disponível em: <http://www.alexanderpalace.org/palace/Anya.html>

²⁶ CHARTIER, Roger. *Práticas da leitura*. Op. cit. p. 79.

se apropriavam de obras comumente associadas a público amplo e de formação cultural mais baixa.

Opiniões sobre determinados romances presentes na correspondência de membros da Família Imperial do Brasil e da Rússia

A leitura da correspondência trocada entre a Princesa Isabel e o Imperador Dom Pedro II traz, muitas vezes, trechos que contêm a opinião desses membros da aristocracia sobre determinada obra ou autor, que representam importantes indícios sobre a forma como determinado livro foi recebido por esse público, que tinha uma formação cultural elevada, no século XIX. Além disso, essas informações permitem perceber quais critérios esses leitores nobres utilizavam para julgar uma obra como sendo boa ou ruim.

Uma das cartas em que a Princesa Isabel expõe sua opinião sobre um romance foi enviada em fevereiro de 1868, quando ela escreveu que o livro *Les Puritains d'Écosse*, de Walter Scott, “era muito bonito”²⁷. Quando diz que a obra é “bonita” a Princesa pode estar fazendo menção tanto às descrições do autor que, pelo que se pode compreender da sua correspondência, era um elemento valorizado por ela, quanto ao enredo ou ainda a aspectos relacionados à materialidade do livro. É interessante notar, também, que a leitura desse livro foi realizada por ela 52 anos após sua publicação original, o que mostra que, ao contrário do que sugerem muitas das histórias literárias tradicionais, era possível que um mesmo romance permanecesse no repertório dos leitores muito tempo após sua publicação. Afinal, como afirma Márcia Abreu, “enquanto as histórias literárias se organizam em função de mudanças de paradigma e de propostas estéticas, o interesse dos leitores se mantém estável por décadas ou, até mesmo séculos”²⁸.

Apesar de a leitura de livros já publicados muito tempo antes da época em que as cartas foram enviadas ser recorrente entre os membros da família de Dom Pedro II, também há casos em que a leitura de uma obra ocorre em uma data muito próxima à sua data de edição original. Esse é o caso do romance *Flamarande*, de George Sand, que é citado em uma missiva da Princesa Isabel ao pai, enviada em 8 de junho de 1875, na qual podemos ler: “A Condessa me

²⁷ Carta da princesa Isabel ao Imperador Dom Pedro II. Acervo do Museu Imperial de Petrópolis – Arquivo Grão Pará.

²⁸ ABREU, Márcia. Problemas de História Literária e Interpretação de Romances. In: *Todas as Letras* – Revista de Língua e Literatura. v.16, n.2, p.39-52, 2014.

encarrega de lhe dizer que acabou de ler *Flamarande* e que já mandou a revista ao Mathias. Ela acha o fim muito brusco e nunca pensou que [ilegível] se casasse com Berthe. Toda esta gente devia ter acabado solteirona”. O romance citado foi publicado pela primeira vez entre fevereiro e março de 1875, na *Revue des Deux Mondes* (periódico francês de grande circulação). A julgar pelas palavras da Princesa, que disse que a Condessa enviou a revista a outra pessoa quando terminou a leitura, é possível inferir que ela tenha lido essa primeira publicação, que saiu em um periódico francês. Essa informação mostra como a circulação de romances no século XIX se dava de forma rápida e eficiente, permitindo que leitores do Brasil lessem o mesmo livro, no mesmo suporte material e no mesmo período de tempo em que leitores franceses realizavam essa mesma leitura. Afinal, a última parte do romance saiu na revista em maio de 1875, e em junho uma pessoa do Brasil já havia acabado essa leitura. Além disso, a leitura desse romance, publicado primeiramente em um periódico, pelos membros da elite, demonstra que, como dito anteriormente, era possível que uma mesma obra circulasse entre públicos de formações diferentes, e vai contra o pensamento de que a aristocracia se interessava apenas pela alta literatura ou por edições de luxo, que servissem como ornamento para suas bibliotecas. Afinal, eles também acompanhavam obras publicadas de forma seriada e, além de lerem esses romances, também o compartilhavam com os familiares.

Essa carta também contém indícios sobre quais critérios os leitores da elite utilizavam para julgar um romance como sendo bom ou ruim. A Condessa (que pode se tratar da Condessa de Barral, que foi preceptora das princesas, ou de outra amiga íntima da Família Imperial), afirma que não gostou do fim brusco da história, o que é um comentário sobre o enredo da obra, e que não lhe agradou o fato de um personagem ter casado com outro, o que é uma possível crítica à construção de personagens. Márcia Abreu, que analisou de forma comparativa as avaliações de romances produzidas por críticos entre os anos de 1780 e 1830, mostra que o enredo era um dos elementos mais utilizados para avaliar as obras²⁹, o que pode mostrar como a utilização desse critério era comum tanto entre a crítica especializada quando entre a família do último Imperador.

Outro critério muito comum entre a crítica especializada do século XIX e que é citado nas cartas é a moralidade. Segundo Márcia Abreu, esse elemento foi um dos mais empregados pelos críticos do começo do século que, “fiéis aos preceitos horacianos, esperavam uma combinação entre instrução e deleite, à qual associavam a moralização, que seria obtida por

²⁹ ABREU, Márcia. Uma comunidade letrada transnacional: reação aos romances na Europa e no Brasil. In: *Romances em movimento: A circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

meio de enredos em que o vício fosse castigado e a virtude, premiada”³⁰. A moral é citada em uma missiva de 22 de janeiro de 1877, quando a Princesa Isabel afirmou: “O Macedo publicou ultimamente a *Baronesa do Amor*. Afinal, é moral, mas para mostrar moralidade, mostra imoralidades demais”. Nesse trecho, ela está mencionando a obra de Joaquim Manuel de Macedo, publicado pela primeira vez em 1876 e, portanto, em uma data muito próxima ao envio da carta, mostrando mais uma vez a rápida circulação de romances no período. Ela parece utilizar a moral para julgar negativamente o romance que, apesar de o efeito moralizante entre seus objetivos, acaba mostrando mais vícios do que virtudes.

A Princesa Isabel parece se preocupar, também, o deleite que os romances proporcionam durante a leitura, critério que também costuma ser bastante destacado pelos críticos. Em uma missiva de 1877, ela escreveu que a obra *Danseuse de Shamakha*, de Gobineau, era muito curiosa e a havia divertido³¹. Considerando que, como já dito anteriormente, a família de Dom Pedro II considerava um romance como sendo bom quando esse era capaz de promover entretenimento nos momentos de lazer, é compreensível que a Princesa tenha avaliado como positiva uma obra que a divertiu.

As avaliações de determinadas obras e autores também estão presentes nas cartas e diários da família de Nicolau II, Imperador da Rússia. Nesses documentos, alguns romances citados são de origem russa, mas também é comum que eles escrevessem sobre obras internacionais, especialmente as de origem inglesa, como é o caso do livro citado em uma missiva que o Imperador russo enviou à sua esposa no dia 31 de dezembro que 1915, em que ele escreveu: “Depois do chá eu peguei esse livro, *The Millionaire Girl*, e li bastante. Muito interessante, e tranquilizante para o cérebro, faz muitos anos desde que eu li romances ingleses!”³². A obra citada é anônima, e foi publicada por volta de 1908, na Inglaterra. Por meio das palavras do Imperador russo, é possível perceber que ele utiliza o mesmo critério que a Princesa Isabel para falar positivamente do livro: a sua capacidade de deleitar e “tranquilizar o cérebro” nos momentos de descanso.

Outra carta em que Nicolau II escreveu sobre obras internacionais, foi enviada em março de 1916, quando ele afirmou:

³⁰ Idem ibidem.

³¹ Carta da princesa Isabel ao Imperador Dom Pedro II. Acervo do Museu Imperial de Petrópolis – Arquivo Grão Pará.

³² Cartas do Imperador Nicolau II à Imperatriz Alexandra. No original: “After tea I took up this book – ‘The Millionaire Girl’ - and read a great deal. Extremely interesting, and soothing to the brain; it is many years since I have read English novels!”

Durante o dia eu li da manhã até a noite – primeiro eu terminei *The Man who was Dead*, depois um livro francês, e hoje um conto charmoso sobre o *Little Boy Blue*! Eu gostei dele, Dmitry também. Eu tive que recorrer ao meu lenço muitas vezes. Eu gosto de reler algumas das partes separadamente, embora eu saiba elas praticamente de cor. Eu acho elas tão bonitas e verdadeiras!³³

Uma das obras mencionadas nessa carta, *The Man who was Dead*, foi escrita pelo inglês Arthur Marchmont, em 1907, mas o Imperador não fez muitos comentários sobre ela. A maioria das suas opiniões se refere ao *Blue Boy*, romance de Florence Barclay, que ele avalia de maneira bastante positiva. Segundo Steinberg e Khrustalev, esse romance era um dos preferidos do casal imperial russo, tendo sido, inclusive, motivo para a criação de um dos apelidos carinhosos pelos quais o Imperador chamava a Imperatriz: Blue Boy³⁴. Para esse leitor da elite, esse livro é muito bom por conter passagens “bonitas” e “verdadeiras”, o que parece fazer menção ao estilo do autor ou à verossimilhança do enredo, que também eram critérios utilizados por críticos literários do período. Segundo Márcia Abreu, os críticos especializados esperavam que um romance “tivesse um estilo não afetado nem declamatório, mas fácil e gracioso; que empregasse uma linguagem despreziosa e sem preciosismos, mas clara e elegante”³⁵.

O estilo também foi utilizado pelo Imperador russo como critério de avaliação em seu diário pessoal, quando ele escreveu, em 21 de julho de 1917: “Terminei de ler a terceira parte da trilogia de Merezhkovski, Peter. Ela é bem escrita, mas causa uma impressão dolorosa”³⁶. A obra mencionada nesse trecho é a trilogia *Christ and Antichrist*, escrita pelo russo Dmitry Merezhkovski, cuja terceira e última parte se intitula *Peter and Alexis* e foi publicada em 1904. Quando o imperador afirma que ela é “bem escrita” está elogiando o estilo do autor, e quando menciona a “impressão dolorosa” provavelmente está se referindo ao seu enredo que, como vimos, também é um critério utilizado pela aristocracia brasileira para elogiar ou depreciar um romance. Além disso, nota-se que há uma diferença de 13 anos entre a data de publicação

³³ Idem. No original: During the journey I read from morning till night - first of all I finished "The Man who was Dead," then a French book, and to-day a charming tale about little Boy Blue! I like it; Dmitry does too. I had to resort to my handkerchief several times. I like to re-read some of the parts separately, although I know them practically by heart. I find them so pretty and true!”

³⁴ STEINBERG, Mark D., KHRUSTALĚV, Vladimir M. *A Queda dos Romanov: a história documentada do cativo e execução do último czar russo e sua família*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

³⁵ ABREU, Márcia. Op. cit.

³⁶ Diário do Imperador Nicolau II. No original: “Finished reading the third part of Merezhkovski's trilogy, PETER. It is well written, but makes a painful impression.”.

original do livro e a sua leitura por Nicolau II, o que mostra, mais uma vez, que um romance pode ser lido e apreciado pelo público muito tempo após sua primeira publicação e circulação.

Considerações finais

Por meio dos trechos citados, que foram retirados de cartas enviadas por membros das famílias dos Imperadores Dom Pedro II e Nicolau II, é possível perceber que não havia grandes diferenças entre a maneira como esses membros da aristocracia viam a leitura de romances e julgavam um livro pertencente a esse gênero como sendo bom ou ruim. Tanto o Imperador Dom Pedro II e a Princesa Isabel quanto a família de Nicolau II relacionavam a leitura de obras ficcionais a momentos de entretenimento e lazer, que se opunham ao tempo dedicado ao trabalho e ao estudo.

Além disso, ambas as famílias tinham o hábito de ler em voz alta, compartilhando os momentos de leitura com pessoas próximas. Uma das possíveis causas para esse hábito semelhante foi a educação dada a esses membros da aristocracia, que priorizava, desde cedo, a leitura em voz alta com tutores e damas de companhia. Além disso, essa prática demonstra ser uma maneira de convivência social, servindo como entretenimento em reuniões familiares e outros momentos de lazer.

Por fim, além de ler romances e compartilhar essa leitura com os mais próximos, também era comum que os membros das Famílias Imperiais da Rússia e do Brasil mencionassem, em suas cartas e diários, opiniões e impressões que tiveram ao realizar determinada leitura. Com base nisso, foi possível perceber que os critérios que eles utilizavam para julgar uma obra e formar sua opinião sobre ela eram, muitas vezes, semelhantes àqueles que os críticos letrados utilizavam no início do século XIX, sendo eles o enredo, os personagens, o estilo, os efeitos que a leitura do livro causaria e a verossimilhança. Essas informações mostram que, além de haver uma grande circulação de impressos no século XIX, que permitia que um leitor brasileiro ou russo lesse o mesmo romance, ao mesmo tempo, que um leitor de outro país, também havia uma circulação de ideias sobre as obras desse gênero, que abria espaço para que um mesmo critério de avaliação de romances fosse empregado por um crítico europeu do início do século XIX, por um membro da família imperial do Brasil desse século, e por um nobre russo do início do século XX.

Bibliografia

Fontes Primárias:

Documentos pessoais da Família Imperial do Brasil – Coleção Grão Pará – Museu Imperial de Petrópolis

Documentos pessoais da Família Imperial Russa – acervo do Alexander Palace. Disponível em: <http://www.alexanderpalace.org/palace/>

Livros e artigos:

ABREU, Márcia. *Diferentes formas de ler*. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/>

_____. Problemas de História Literária e Interpretação de Romances. In: *Todas as Letras* – Revista de Língua e Literatura. v.16, n.2, p.39-52, 2014.

_____. Uma comunidade letrada transnacional: reação aos romances na Europa e no Brasil.

In: *Romances em movimento: A circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

_____; VASCONCELOS, Sandra; VILLALTA, Luiz Carlos; SCHAPOCHNIK, Nelson.

Caminhos do Romance no Brasil: séculos XVIII e XIX. Disponível em:

<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/caminhos.pdf>

AGUIAR, Jaqueline Vieira de. *Mulheres educadas para governar: o cotidiano das “lições” nas cartas das Princesas Isabel e Leopoldina*. 2012. 286 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós- Graduação em Educação, Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, 2012

CHARTIER, Roger et al. *Práticas da Leitura*. 2. ed. São Paulo: Estação da Liberdade, 2001. p. 143-176, p. 78

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MONTEIRO, Mozart. A infância do Imperador. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro; Imprensa Nacional, t. 98, v. 152, p. 32-44, 1927.

RAPPAPORT, Helen. *As Irmãs Romanov: a vida das filhas do ultimo tsar*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2014.

VASCONCELOS, Sandra. *Cruzando o Atlântico: Notas sobre a circulação de Walter Scott*. In: *Trajetórias do Romance: Circulação, Leitura e Escritas nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Mercado de Letras, 2008.